

## **A IMPORTÂNCIA DA DESCOBERTA DE LOBATO NA EXPLORAÇÃO PETROLÍFERA DO BRASIL**

Em 28/08/2010, por Acyr Ávila da Luz

Em recente entrevista, perguntaram-me qual era minha opinião sobre o significado e repercussão da descoberta do petróleo em Lobato, para o desenvolvimento da indústria petrolífera em nosso País.

Farei antes, um breve relato sobre os acontecimentos relacionados à pergunta que me foi dirigida.

Como é sabido, Manuel Ignácio Bastos, um curioso colecionador de amostras de minerais, em suas andanças pelos arredores da cidade de Salvador, chegou certo dia em Plataforma, uma estação da estrada de ferro Leste Brasileiro e em uma localidade próxima, Lobato, indagou do pessoal da terra, de onde obtinham o "gás" usado para alimentar seus fifós, ou seja, suas lamparinas.

Informaram-no que colhiam uma lama oleosa existente nas tocas dos caranguejos, nos manguezais da região.

Curioso em assunto de minérios, voltou várias vezes àquela localidade, decidindo, por fim, abrir uma escavação de 3 a 4 metros de seção e uns 5 metros de profundidade, na qual viu exsudar o líquido de que lhe haviam falado os moradores de Lobato.

Com sua própria comprovação da presença de petróleo, Ignácio Bastos procurou várias pessoas para se associarem a ele, com vista a explorar a "mina" que descobrira. Mas ninguém lhe dava crédito, consideravam-no um maníaco.

Persistindo em sua ideia de explorar a "mina", resolveu procurar o Presidente da Bolsa de Mercadorias-da Bahia, Oscar Cordeiro. Este também não lhe deu crédito. De tanto Manuel Ignácio insistir, Oscar Cordeiro acabou concordando em visitar a escavação, para, com seus próprios olhos, verificar se era verdadeira a presença do óleo relatado por Bastos.

Ao constatar que, de fato, o óleo exsudava na cisterna, encheu-se de entusiasmo, tomando-se um ferrenho "marqueteiro" da descoberta de petróleo em Lobato. Provocou, então, uma estrondosa campanha em toda mídia.

Em 1932, Manuel Ignácio Bastos chegou a ir ao Rio de Janeiro para, pessoalmente, angariar apoio do Presidente Getúlio Vargas, ao seu projeto de explorar o petróleo de Lobato.

Enquanto isso, a campanha de divulgação da auspiciosa notícia foi se polemizando, acabando, maldosamente a atingir o corpo técnico oficial, que, cautelosamente se pronunciava a respeito da real presença de petróleo, próxima à escarpa gnáissica, que bordeja, à oeste, a cidade de Salvador.

Dentro dessa turbulência de opiniões, em que os geólogos do Serviço Geológico do Brasil eram duramente difamados, o DNPM, já então criado, resolveu contratar o geólogo

especialista em pesquisa de petróleo, o lituano Victor Oppenheim, para que emitisse um parecer decisivo sobre o petróleo de Lobato.

Tomo aqui a liberdade de transcrever o que o eminente geólogo pioneiro Pedro de Moura, coloca em seu valioso livro - que me serve como fonte bibliográfica - "EM BUSCA DO PETRÓLEO BRASILEIRO" (1976): "O parecer de Oppenheim, dois ou três meses após já contratado pelo DNP M, cantava outra cantiga: - Lobato, sob o ponto de vista da geologia de petróleo é positivamente desfavorável à presença de hidrocarbonetos. O petróleo de Lobato seria elemento estranho à sua formação geológica, bem como o local onde é encontrado".

Além de rechaçar toda a possibilidade geológica, Oppenheim, aferrado à sua interpretação, deblaterava que alguém tivesse injetado o óleo na formação (terreno salgado, em linguagem mineira) ou que a exsudação defluisse de antigos depósitos ali operados pela Cia. do Porto da Bahia. "Ele nunca se rendeu às provas de origem natural, posteriormente evidenciadas por outros técnicos, até que, em 1936, o Ministro Odilon Braga autorizou o DNPM a rescindir o contrato do João-teimoso."

Sobre o julgamento da atuação de Oppenheim no "imbróglio" do óleo de Lobato, tive a oportunidade, quando ainda seu aluno na Escola de Minas de Ouro Preto, de indagar ao Professor Odorico de Albuquerque, que foi um dos componentes da comissão que julgou Oppenheim, qual a sua opinião quanto à idoneidade moral do tão polêmico geólogo lituano.

O Prof. Odorico, em seu jeito espontâneo e, até mesmo ingênuo, respondeu-me: "Diante das evidências, através das análises químicas de que o óleo era natural e não um derivado industrial, perguntamos se ele mantinha sua opinião de que o óleo descoberto era de uma falsa exsudação e não autêntica. O moço, com seu orgulho, manteve-se irredutível em sua interpretação; não quis se retratar".

Então eu disse, levantando as minhas mãos: - assim não, moço!, e proferi meu voto para que o DNPM rescindisse o contrato. Voltando ao livro do geólogo Pedro de Moura, transcrevo a conclusão sintética sobre a polêmica questão de Lobato:

"Toda a história do óleo de Lobato oscila entre um buracinho ridículo de aratu (espécie de caranguejo) de onde, depois de muito escarafunchar, o curioso Manuel Ignácio Bastos, em 1930, viu verter um líquido oleoso, com aparência de petróleo - e o poço nº 163, que o DNPM perfurou no local, em 1938/39, para 'extirpar um tumor'. Esta expressão reflete a decisão de Avelino Ignácio de Oliveira, conforme escreve Moura: "Eis que em 1937, violentando o bom senso, Avelino Ignácio de Oliveira, em exercício na Diretoria-Geral do DNPM, levanta a luva, arrisca o passo ao encontro de Cordeiro: "Vou tentar extirpar esse tumor".

Passo agora a tratar do tema que me trouxe a escrever este artigo: a pergunta a mim feita quanto ao significado da descoberta do óleo de Lobato. A acirrada contenda originada pela notícia da ocorrência de petróleo, travada pelas vozes da rua e leigos metidos a entender de exploração do petróleo, contra os técnicos do Serviço Geológico/DNPM, até certo ponto tinha sua razão de ser, embora, lamentavelmente. Tenha descambado para injustos ataques à honorabilidade daqueles que tinham a responsabilidade de decidir sobre a correta ação do Governo.

Se não vejamos: A concepção reinante da Geologia do Recôncavo Baiano, alicerçada na opinião de grandes geólogos de reputação internacional, como Derby e Branner, tinha um verdadeiro "status" de dogma.

Segundo Derby, a espessura da coluna sedimentar era da ordem de apenas uns 200 metros. Portanto uma "casquinha sedimentar", definitivamente incompatível para geologia de petróleo. Vem outro famoso geólogo, Branner, e concebe (em 1915) o arcabouço estrutural como sendo um simples sinclinal, desenvolvido entre a falha de Salvador, a leste e, num contato normal com o cristalino a 48 quilômetros a oeste da Capital baiana. Sinclinal este imperturbado, sem nenhum acidente tectônico, a não ser a mencionada falha que o limita a leste.

Não bastassem essas condições geológicas negativas à presença de petróleo, a paleontologia, através dos fósseis, relatava ambiente de água doce para os escassos sedimentos, o que naquela época, se considerava um ambiente impróprio à geração de petróleo.

Ainda por cima, agravando essas contrariedades geológicas, estava a incômoda localização das ocorrências, junto à escarpa gnássica de Salvador. Era dose para leão! Mas apesar de tudo isso, lá estava o petróleo desafiador!

Confirmada sua natureza de hidrocarboneto natural pelas análises químicas providenciadas por gentes reconhecidamente idôneas, como o químico Fróes de Abreu e o Professor Sousa Carneiro, da Escola Politécnica da Bahia e, depois, com a descoberta efetiva pela decisão corajosa de Avelino Ignácio de Oliveira, através do poço nº 163, locado pelo engenheiro Eugênio Bourdot Dutra, do qual jorrou pela primeira vez na Bahia, petróleo em 21 de Janeiro de 1939, concluiu-se que os conhecimentos geológicos de então, não correspondiam com a realidade e que tinham de ser revistos, pois não se ajustavam com a intrigante presença do óleo em Lobato.

Após a descoberta do poço nº 163 pelo DNPM, os serviços de exploração na região de Lobato passaram para a responsabilidade do Conselho Nacional do Petróleo, em setembro de 1939, sendo seu primeiro Presidente o General Horta Barbosa, foram perfurados mais 17 poços, dos quais 7 apresentaram uma produção sub-comercial e 10 secos. Com esse insucesso quanto à produção comercial dos poços, o CNP decidiu afastar-se de Lobato e executar um extenso mapeamento com critérios técnico-científicos, visando obter um melhor conhecimento da geologia, já que a descoberta de Lobato desacreditara completamente as concepções geológicas que vigoravam na ocasião em que Manuel Ignácio Bastos abriu sua anunciadora cisterna.

Foi este, a meu ver, a principal consequência da presença, embora não econômica, do petróleo em Lobato: Rompeu praticamente um tabu, da incompatibilidade da geologia da bacia Sedimentar do Recôncavo, como província petrolífera.

Foi essa constatação do petróleo em Lobato que levou o CNP a designar o experiente geólogo Pedro de Moura, já com a aura de desbravador da geologia da Amazônia, no ano de 1940 para proceder a um amplo mapeamento no Recôncavo, para que as futuras locações tivessem suporte técnico-científico.

Moura, tendo a colaboração efetiva do Diretor-Técnico do CNP, o também experiente geólogo Avelino Ignácio de Oliveira, delineou os seus 5 grandes eixos de dobramentos: o que

passa por Aratu; o de Pasto de Fora; de D. João; o do vale do Sergi e o eixo de dobramento Candeias/Itaparica, onde, em Candeias, sobre uma dobra anticlinal fez sua feliz locação, que se tomou o primeiro poço comercialmente produtor do Brasil, descobrindo, em 1941, o lendário Campo de Candeias, que até hoje, após 69 anos de descoberto, ainda está produzindo!

Além da determinação desses 5 eixos, Moura mapeou as ilhas da baía de Todos os Santos, sendo o autor da designação "Formação das Ilhas" - e limitou o "graben" do Recôncavo, com o mapeamento da falha de Maragogipe, a 48 quilômetros a oeste da falha de Salvador.

Mas como toda ciência, a geologia não é estática. Ela evoluiu, não só pelos seus erros, como pela aquisição de novos conhecimentos e pelos avanços tecnológicos.

Assim a justificativa da locação do pioneiro de Candeias, que fora estar sobre uma dobra anticlinal, com o desenvolvimento das perfurações, viu-se que a valiosa acumulação de petróleo estava em jazida de natureza estratigráfica e não estrutural.

Com o passar do tempo, nem mesmo os 5 eixos de dobramentos anteriormente mapeados por Moura e Avelino, se mantiveram.

O geólogo Ben Barnes, contratado pelo CNP, traz em 1949, para o Recôncavo, a concepção de que se trata de uma Bacia Sedimentar do estilo tectônico de "Rift-Valley" e não de dobramento.

Os supostos tais eixos, tem relacionamento com faixas de falhamentos -normais – e não resultado de esforços de compressão. A própria Estratigrafia foi modificada com a introdução de novos conceitos. O conceito dual na Estratigrafia, distinguindo "unidade de rocha" de "unidade de rocha/tempo" veio aclarar muitos problemas, principalmente os das seções geológicas das regiões de Restinga-Ilha da Maré e do Alto Regional Mata-Catú.

Até o incrível aparecimento de "diápiros" de folhelhos veio nos surpreender, como o da fazenda Cinzento, onde a formação Candeias, aflora rodeada, anormalmente, pela formação São Sebastião.

E a atual carta Estratigráfica, da Bacia do Recôncavo, que tenho em mãos, quão diferente é da "Série Bahia" de meus tempos de geólogo de campo, com a introdução dos conceitos de rocha, tempo, ambiente e evolução tectônica.

E a "casquinha" de 200 metros do grande geólogo Derby, espessou-separa mais de 6.000 metros, nas profundezas de Camaçari, onde nos primórdios da geofísica, por métodos magnéticos, em 1936/37 se estimava estar o embasamento à cerca de 1500 metros.

Para mim, a grande importância da descoberta de Lobato foi ter sido a ponta do fio da meada embaraçada da exploração de uma província petrolífera na Bahia.

Acyr Ávila da Luz é geólogo, foi Diretor Geral do DNPM - Departamento Nacional de Produção Mineral e chefe de produção e exploração da Petrobrás, na Bahia.

Florianópolis, 13/06/2010

**Fonte: Jornal da AEPET de 27/08/10**